

REFLEXÕES À MARGEM DE UM TEMA:  
GEOGRAFIA E TURISMO NO BRASIL

Olga Tulik (\*)

ABSTRACT

The development of a teaching program as a fulfilment of a tourism course of the "Escola de Comunicações e Artes" (School of Communication and Arts) of the University of São Paulo has resulted in some considerations which are put forth here. These teaching lectures were carried up through a cooperation of the Section of Geography of the "Museu Paulista" (Paulista Museum) to the "Escola de Comunicações e Artes".

The tourism activities and their impact on the Brazilian landscape were described as a geographer sees them.

O turismo, que chega a ocupar posição prioritária no planejamento e na vida econômica de inúmeros países, não é um fenômeno recente e seu estudo possui inegável interesse geográfico<sup>(1)</sup>. Contudo, só há algumas décadas este fenômeno despertou a curiosidade e a atenção dos geógrafos. Coube a SORRE, um dos grandes mestres da Escola Francesa, destacar a importância das migrações de turismo relacionando-as aos ritmos urbanos<sup>(2)</sup>. Atualmente, o turismo aparece incluído em obras básicas de Geografia Humana<sup>(3)</sup> e é reconhecido não somente como sendo

---

(\*) Do Setor de Geografia do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

- (1) Estas reflexões resultaram de uma das atividades desenvolvidas pelo Setor de Geografia do Museu Paulista que, entre outras finalidades, vem se preocupando em atender solicitações de colaboração com Departamentos afins da Universidade de São Paulo. Assim é que, durante todo o curso da disciplina "Fundamentos Geográficos do Turismo", iniciado em 1973 no Departamento de Relações Públicas e Propaganda da Escola de Comunicações e Artes, houve a oportunidade de realizar uma abordagem geográfica do fenômeno turismo, o que exigiu uma revisão do conteúdo da ciência geográfica e a verificação de sua aplicabilidade ao turismo.
- (2) SORRE, Max — "Rythmes urbains et migrations de tourisme", em *Villes et Campagnes*, Deuxième Semaine Sociologique, organizada pelo Centre D'Études Sociologiques (CNRS), Colin, Paris, 1951.
- (3) SORRE, Max — "Rythmes urbains. Migrations de tourisme", em *Les Fondements de la Géographie Humaine*, tome III, pp. 394-397, Librairie Armand Colin, Paris, 1952; BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline — "Migrações rítmicas:

capaz de provocar transformações nas paisagens, mas, também, até nas condições econômicas e sociais das regiões ou áreas em que se faz sentir a sua presença.

Qualquer estudo sobre o turismo ressalta o seu caráter dinâmico, o que tão bem o individualiza, e que é consequência de uma série de fatores, espontâneos ou induzidos, capazes de orientar a afluência de pessoas numa determinada direção em busca de formas e atividades de lazer. Tais movimentos que não deixam de ser migratórios, embora temporários, surgem como resposta a uma grande variedade de condições específicas, a maioria das quais de natureza geográfica, que atraindo ou repelindo indivíduos ou grupos de pessoas, originam, simultaneamente, centros de atração ou de emissão do fluxo turístico.

Deste modo, tendo em vista a extrema mobilidade da população participante desse jogo, o turismo pode ser entendido como uma espécie de migração temporária orientada para diferentes formas e atividades de lazer, que chega a ser, muitas vezes, pouco prolongada e com um caráter de movimento pendular.

Entretanto, embora considerado como um fenômeno típico do lazer, o turismo proporciona renda para as localidades por ele atingidas, em virtude da sua presença exigente no que diz respeito ao transporte, à alimentação, ao alojamento, aos equipamentos de lazer e ao comércio do essencial ou do supérfluo. Percebe-se assim que, agindo sobre formas de prestação de serviços, o turismo alimenta o setor terciário da população na medida em que exige o aumento do comércio em geral, notadamente de gêneros alimentícios, incentiva o setor de edificações e do artesanato local (objetos de vime, palha, madeira, vidro, barro, cerâmica, além de tricô, crochê, bordados, etc.), de modo a satisfazer a demanda e, desta maneira, contribui tanto para a criação de novos empregos, além de elevar o número daqueles já existentes, como para a fixação e o crescimento da população de muitos aglomerados de caráter urbano ou semi-urbano.

Através destas considerações percebe-se a importância do conhecimento da potencialidade e dos recursos disponíveis para o turismo, assim como a necessidade de serem analisadas as possíveis repercussões que os efeitos dessa atividade podem causar no espaço em que atua. Isto ocorre, não só porque a Geografia desempenha papel relevante na escolha e definição das áreas atingidas por estas migrações temporárias de lazer, mas, também, porque o turismo se desenvolve num campo essencialmente geográfico — a paisagem, natural ou humanizada; e, além disso, porque o turismo, atuando sobre a geografia local, pode ser apontado como um dos fatores responsáveis pela organização ou remodelação do espaço.

---

movimentos de temporada e cotidianos”, em *Geografia de População*, pp. 284-323, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1971; DERRAU, Max — “As atividades terciárias: o comércio, o turismo”, em *Geografia Humana*, volume 2, pp. 77-101, Editorial Presença — Livraria Martins Fontes, Lisboa, 1973.

As paisagens podem ser consideradas como elementos fundamentais para a compreensão das atividades turísticas, pois que delas se podem extrair componentes vários do que se poderia intitular "paisagem turística", isto é, daquela paisagem capaz de proporcionar seu aproveitamento para o lazer.

Assim, sobretudo, a morfologia, os característicos geológicos, as qualidades do clima, a cobertura vegetal, o uso da terra e a organização do espaço vistos isoladamente como um atrativo predominante, ou associados constituindo um todo — a paisagem —, podem definir a escolha de um local de interesse para o turismo ou mesmo orientar o fluxo turístico numa determinada direção.

Por isso mesmo, algumas das formas de relevo se constituem em motivos de atração turística, especialmente quando largamente difundidas pela propaganda, muito embora não interesse ao turista conhecer-lhes a gênese, detalhes mineralógicos ou a própria evolução geomorfológica. Não há turista, por exemplo, que ao visitar o Rio de Janeiro não se empenhe em ver o "Pão-de-Açúcar", muito embora nem suspeite da existência de outros pães-de-açúcar no Brasil. Tal acontece porque esta elevação tornou-se um marco natural da paisagem da Guanabara, assim como o Fuji-Yama em relação a Tóquio ou o Vesúvio para Nápoles, etc.

As planícies, litorâneas ou não, as serras, montanhas, penhascos e colinas também podem ser atrativos permanentes à disposição do turismo pelas paisagens que oferecem ou que delas se descortinam; ou pelo aproveitamento das condições do relevo que permitem a instalação de represas e usinas; ou mesmo quando associadas ao clima, nas áreas serranas, favorecem as atividades de veraneio. Desníveis altimétricos, por exemplo, oferecem condições adequadas para a instalação de equipamentos de lazer, como é o caso de funiculares, teleféricos e pistas de polietileno para a prática de esquis, como ocorre em São Roque (São Paulo) e Garibaldi (Rio Grande do Sul) e que garantem um atrativo a mais para o entretenimento do visitante.

Outros fenômenos geográficos têm servido para caracterizar paisagens diversas como o "encontro d'água" na confluência dos rios Solimões e Negro, no município de Manaus (Amazonas); formas "sui-gêneris" resultantes da atuação dos agentes de erosão em terrenos sedimentares, como Sete Cidades, no município de Piracuruca (Piauí) e Vila Velha, em Ponta Grossa (Paraná); vestígios de ocorrências geológicas pretéritas, como as jazidas de varvitos de Itú (São Paulo), constituem atrações inesquecíveis, que são divulgadas pelo turista que ali esteve. Além destes, outros mais despertam a atenção do visitante, entre os quais aqueles resultantes de manifestações de forças endógenas ocorridas no passado conjugados à ação erosiva de agentes sub-aéreos, a exemplo do que se observa nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde as escarpas da Serra Geral correspondem a uma paisagem digna de ser apreciada e divulgada para o turismo. Por outro lado, como conseqüência do vulcanismo pre-

térito, muitas são as fontes termais e hidrominerais que determinam a função balneária e de estações de saúde, de conhecidas cidades que constituem o chamado "Roteiro das Águas", nos Estados de São Paulo e de Minas Gerais. Nas paisagens brasileiras, inúmeras são as cavernas, grutas, lapas e furnas, produtos de diferentes formas de erosão, entre as quais a Gruta de Maquiné (Cordisburgo, Minas Gerais) e a Caverna do Diabo (Eldorado, São Paulo) que se constituem em exemplos de atrativos capazes de garantir apreciável quantidade de visitantes que, infelizmente, nem sempre têm sabido respeitar esses verdadeiros monumentos nacionais.

Da mesma forma, o mar, os rios de planície ou encachoeirados, os lagos, lagoas e açudes podem ser devidamente aproveitados para uma simples atividade de lazer, como o banho, a pesca amadorística e a prática de esportes, ou, ainda, para o estabelecimento de uma estrutura básica de atendimento (bares, restaurantes, lanchonetes, hotéis, etc.) em razão das condições que oferecem. Por outro lado, o aproveitamento adequado destes elementos pode ocasionar transformações nas paisagens locais e gerar fontes de renda para os municípios neles diretamente interessados. Neste particular, o número de exemplos que poderia ser citado é bastante grande. Basta consultar qualquer agência de viagens e manusear os folhetos graciosamente distribuídos, ou informar-se com qualquer aficionado do campismo.

Outro fator geográfico expressivo na definição de uma área de turismo é o clima, que deve merecer cuidadosa atenção, não somente em razão das médias térmicas ou pluviais, anuais ou mensais, mas, sobretudo, em função de máximas e mínimas absolutas, do número de dias de chuva ou de Sol, das horas e da intensidade da insolação, da nebulosidade, da umidade relativa do ar, da incidência dos ventos, da entrada das estações, a variação do tempo, enfim, de todos os fatores e elementos climáticos, bem como das resultantes que podem interferir no bem-estar do indivíduo e na prática do turismo. Podemos mesmo afirmar que é do comportamento desses fatores e elementos que depende a modalidade turística, os equipamentos a serem instalados, a época mais propícia às viagens e a própria escolha do local a ser visitado pelo turista.

No litoral sul do Brasil, por exemplo, são inúmeras as praias que durante o mês de julho, época de férias escolares e, portanto, propícia ao turismo são atingidas por ventos frios e pela excessiva umidade do ar, o que concorre para a redução do número de frequentadores e o conseqüente fechamento de hotéis, bares, restaurantes e, até mesmo, de casas de comércio e residências de veraneio. Assim, nesta época do ano, essas localidades sulinas mostram um aspecto desolador onde a maresia e as praias desertas são uma constante a marcar nas paisagens a importância do clima como indicador preciso dos períodos favoráveis, ou não, à atividade balneária.

É evidente que, muito embora não possa alterar as condições atmosféricas, o homem pode, no entanto, conviver nesses locais, deles tirando

proveito em seu benefício. A excessiva pluviosidade numa estância balneária, por exemplo, pode significar maiores gastos em equipamentos específicos como quadras de jogos e piscinas cobertas, cinemas, discotecas, boates, bares e restaurantes, sem o que ela corre o risco de esvaziar-se, à falta de atrativos que compensem a permanência dos visitantes num local atingido por condições atmosféricas adversas.

Algumas localidades, eleitas pelos atributos do clima, acabaram por se transformar em estâncias climáticas, regularmente freqüentadas, especialmente nos períodos de férias e feriados prolongados, como é o caso de Campos do Jordão (São Paulo); outras, entretanto, são procuradas esporadicamente, em virtude da ocorrência de fenômenos atmosféricos inusitados, como acontece com São Joaquim (Santa Catarina), onde a neve, ou a espera por ela, justifica a afluência de inúmeros visitantes desde os primeiros dias do mês de julho até o começo de agosto.

A marcante tropicalidade do território brasileiro explica o turismo interno que se observa nas áreas de clima de montanha, ou naquelas sujeitas a fenômenos atmosféricos incomuns; contudo, uma vez desperdadas para o turismo, outras condições naturais (paisagens, por exemplo), ou eventos programados podem garantir a existência de centros receptivos de caráter permanente. É o que vem acontecendo com as localidades acima citadas, que têm procurado não só atrair, como prolongar a estadia dos visitantes através de eventos especialmente organizados para isso, como o "Festival de Inverno", o "Festival de Verão" (Campos do Jordão) e a "Festa da Maçã" (São Joaquim).

Percebe-se, assim, que é muito raro um único elemento explicar o grande número de pessoas que procura uma determinada área. Na maioria das vezes, é o conjunto de componentes do quadro físico e humano regional que funcionam como atração, envolvendo o visitante num todo coordenado onde se evidenciam os resultados do relacionamento entre o homem e o meio. É o que ocorre, por exemplo, com a cobertura vegetal de uma região, parte integrante de um conjunto paisagístico destinado ao recreio, que raramente se constitui num atrativo turístico por si só. No entanto, é impossível ir à Amazônia sem notar a floresta tropical que a caracteriza e a presença do homem na sua luta pela sobrevivência; ir a Santos (São Paulo) sem perceber a existência da Mata Atlântica que recobre a Serra do Mar e a presença da técnica humana na Usina Henry Borden; ou percorrer o Pampa sem ter a atenção despertada para a imensidão da Campanha Gaúcha e para as transformações que nela ocorrem, graças à expansão das culturas de cereais numa área tradicionalmente pastoril.

De um modo geral, as áreas mais atraentes do ponto de vista turístico são aquelas dotadas de recursos e equipamentos que vão desde os aspectos naturais até os divertimentos especialmente criados para entreter e garantir a permanência do visitante por um tempo mais longo. O que normalmente se observa é o aproveitamento das condições geográ-

ficas para a realização de uma programação adequada ao entretenimento do turista.

É o que acontece com as festas de produtos regionais onde fatores do meio ambiente, como o solo e o clima, ligados a outros de ordem cultural, como a presença do imigrante italiano, respondem por festividades como as da uva e do vinho. São Roque e Jundiá (São Paulo), Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi (Rio Grande do Sul), atestam o sucesso da utilização destes recursos para o turismo.

No entanto, muito embora seja possível ao homem controlar os elementos do meio ambiente, os eventos baseados num produto regional (uva, figo, abacaxi, caju, por exemplo), não podem fugir, completamente, ao condicionamento geográfico (relevô, latitude, clima e solo, entre outros) que chega, inclusive, a comprometer a safra do ano prejudicando o seu aproveitamento para o turismo. O "Festival da Jabuticaba", por exemplo, realizado anualmente em Virgíópolis (Minas Gerais), no mês de outubro, tem sua data definitiva "regida pelos caprichos da natureza: depende da primeira chuva após a floração das jabuticabeiras." (4)

Deve ser lembrado ainda que nas áreas rurais, nos períodos de descanso, se promovem uma série de atividades ligadas ao ambiente físico-cultural e que servem de atração turística. Muitas destas festividades, aparentemente de fundo sócio-religioso, têm datas escolhidas de modo a não conflitar com o calendário agrícola do local em que se realizam, pois é ele quem dita a realização dos eventos e das cerimônias. (5)

Todavia, outros fatores comandam as festas da cerveja no Brasil, já que em virtude do processo de industrialização que atingiu o produto e graças à tropicalidade reinante na maior parte de nosso território, elas podem ser realizadas em qualquer época do ano. É expressivo verificar que o "Festival do Chope" realizado em Jaguari, no Rio Grande do Sul, está programado para meados de janeiro, enquanto que o "Festival do Chope Preto", em Iraí, também no citado Estado sulino, está programado para julho (6), por ser esta variedade do produto própria para ter seu maior consumo no inverno.

Tudo isso, entretanto, pode ser alterado, desde que haja uma interferência de ordem econômica; certas atividades passageiras, pelo lucro compensador que tem sido oferecido aos que a ela se dedicam, conseguem permanecer estabilizadas durante quase todo o transcorrer do ano. Exemplo típico é o que está ocorrendo atualmente com certos pontos de atração do fluxo turístico interno, alicerçados na presença do milho verde e seus derivados. Tal é possível graças à produção e transporte do milho

---

(4) EMBRATUR — *Calendário Turístico*, 1979.

(5) ARAUJO, Alceu Maynard de — "Ciclo agrícola, calendário e magias ligadas à plantação", em *Revista do Arquivo Municipal*, vol. CLIX, pp. 11-155, São Paulo, 1957.

(6) EMBRATUR — *Calendário Turístico*, 1979.

de zonas agrícolas diferenciadas e distantes do local de atração, o que é, naturalmente, compensado pelo lucro obtido pelos que se dedicam a esse tipo de exploração comercial.

Outros fatores de extrema importância geográfica, como o sítio e a situação, embora não sejam suficientes para explicar a procura, podem orientar o turismo em uma área, pois é em função das características locais e da proximidade de centros emissores do fluxo turístico que muitas localidades foram escolhidas e, também, se definiram como centros receptivos. Vários são os exemplos brasileiros que têm nas características do sítio e da posição fatores que, em parte, explicam porque se tornaram áreas regularmente freqüentadas. Contudo, a afluência constante a estes centros não pode ser explicada apenas pelos fatores sítio e situação, uma vez que outros existem, com atributos similares, que não são tão procurados.

Verifica-se, assim, que a prioridade na procura não se deve única e exclusivamente aos atributos locais e à proximidade de um centro emissor importante, mas, também, a outros fatores, entre os quais se destacam os sócio-econômicos, que podem acentuar essa vocacionalidade turística. Além disso, deve ser considerada ainda a melhoria das condições de acesso, o que pode favorecer a cristalização do potencial turístico latente. Nestes casos, a construção de modernas rodovias, com o objetivo de atender às condições funcionais pré-existentes, pode contribuir para estimular a atividade turística em áreas dotadas de certos atrativos.

Da mesma forma, a atividade turística pode acentuar-se quando, além das condições decorrentes do sítio e da posição, são criados novos atrativos, especialmente se forem amplamente divulgados pela propaganda. Por exemplo, a privilegiada situação de fronteira que ocupa a cidade de Foz do Iguaçu (Estado do Paraná), garantindo ao turista a atração da compra de produtos estrangeiros a preços compensadores, além da existência das famosas cataratas, foram, durante muitos anos, a principal razão do movimento turístico ali observado; no entanto, a função turística desse centro receptivo foi reforçada ainda mais, com a construção da hidrelétrica de Itaipu que, embora não concluída, constituiu-se nos feriados de 1978, em virtude da propaganda feita em torno da abertura do canal da usina, na maior atração brasileira desse período, superando centros receptivos tradicionalmente mais procurados em épocas semelhantes, como Salvador e Recife. Com efeito, conforme divulgou a imprensa, cerca de 50% das passagens aéreas vendidas em São Paulo nessa ocasião, tinham como destino a cidade de Foz do Iguaçu.

Contudo, nem sempre as localidades predispostas ao turismo em virtude das características favoráveis do sítio, têm a freqüência que seus atrativos merecem, pois observa-se que áreas excepcionalmente dotadas podem ser preteridas em favor de outras melhor equipadas, mais acessíveis, ou mais divulgadas e, por isso mesmo, mais conhecidas e procuradas.

Outro aspecto a ser considerado é que o meio de transporte a ser utilizado, ou as condições sócio-econômicas individuais podem contribuir

para explicar a freqüência ou o padrão de vida existente numa determinada localidade turística. Áreas acessíveis apenas por via aérea ou por automóveis, por exemplo, são naturalmente selecionadas, fato que se torna evidente na modalidade turística praticada no local que, por sua vez, repercute na organização do espaço atingido. É fato conhecido, por exemplo, que áreas próximas de centros emissores do fluxo turístico tendem, com a melhoria das condições de acesso, a se transformarem nos "banlieu de dimanche".

Assim, também, a categoria dos equipamentos instalados pode contribuir para definir as tendências imprimidas ao local e, conseqüentemente, para a valorização do espaço, como aconteceu com algumas praias do Guarujá (São Paulo), onde a construção de hotéis e residências luxuosas favoreceu a definição desse balneário e tem concorrido para a constante elevação dos preços dos imóveis ali situados.

Através destas reflexões percebe-se que, embora importantes, os fatores geográficos não condicionam a atividade turística e não bastam para explicá-la. Realmente, existem outros fatores, internos e externos, que, aliados aos atributos naturais ou culturais e, também, aos equipamentos instalados, garantem a prática do turismo. Além disso, deve ser ressaltado que, embora se caracterize como um movimento espontâneo, o turismo pode, também, ser induzido por fatores extremamente variados que requeiram cuidadosa análise, pois suas causas, manifestações e conseqüências são muito diversificadas. Daí a importância do estudo pormenorizado da atividade turística em diversas áreas para posterior análise, que dará margem a comparações e, sem dúvida, contribuirá para a melhor compreensão deste fenômeno.

Todavia, a modificação da paisagem, com as alterações introduzidas na vida diária dos habitantes locais, assume aspecto relevante no estudo geográfico do turismo. É comum observar-se nas áreas atingidas a contínua substituição de casas tradicionais por construções modernas, pertencentes a novos moradores. Isto acontece quando as áreas mais cobiçadas pelos atrativos que possuem, ou mais valorizadas pelos equipamentos nelas instalados, são vendidas pelos antigos ocupantes que se deslocam para partes antes desprezadas, em virtude da umidade excessiva, solo ruim, relevo movimentado ou incidência fustigante dos ventos. Observa-se esta situação, com freqüência, nas localidades praianas atingidas pela especulação imobiliária: o pescador artesanal deixa seu terreno junto ao mar, ou dele é expulso, indo morar à distância da praia, embora continue pescando para sobreviver e para isso necessite caminhar alguns quilômetros.

Além disso, adotando vestimentas exóticas para o local, retardando o horário das refeições e das dormidas, introduzindo objetos e divertimentos desconhecidos, o turista contribui, também, para modificar os hábitos tradicionais dos moradores.

Por outro lado, a paisagem se modifica humanizando-se, cada vez mais, com a multiplicação de residências individuais ou coletivas de um

ou mais andares, com a instalação de estabelecimentos comerciais, especialmente daqueles ligados ao ramo de gêneros alimentícios e diversões, com a proliferação de chácaras, dando às áreas atingidas, quer sejam de litoral ou de interior, um aspecto mais ou menos disciplinado nas quais cada vez menos se nota a presença do autóctone e cada vez mais se impõe o invasor.

É por isso que a população das regiões atingidas, especialmente os jovens, numa reação perfeitamente natural, acaba adotando atitudes e assumindo comportamentos parecidos com os dos turistas, perdendo aos poucos sua marcante personalidade, uma das razões de atrativo turístico daquelas áreas.

O primeiro sinal dessa alteração pode ser pressentido pela diminuição do ritmo das manifestações folclóricas, realmente de cunho popular, muitas das quais podem tornar a reaparecer tempos depois incentivadas pelos órgãos oficiais de turismo, ou então pela mudança de datas de festejos tradicionais com a finalidade de fazê-las coincidir com a temporada de maior afluxo de turistas, como ocorreu com a Festa do Divino, em Diamantina (Minas Gerais) que foi transferida da data de Pentecostes para o mês de julho.

Por outro lado, como já destacou CARMINDA CAVACO, o estudo geográfico de uma área pode evidenciar a atividade turística, quando o número de pessoas ocupadas no setor de serviços é muito elevado, ou então quando o equipamento relacionado ao aproveitamento dos recursos e o nível das residências aparece com destaque excessivo, destinado a um "status" em desacordo com o nível sócio-econômico local <sup>(7)</sup>.

Sem dúvida alguma, o turismo também traz vantagens às localidades afetadas, pois além dos inúmeros benefícios do desenvolvimento que propicia, proporciona ganhos extras, contribuindo, desta forma, para melhorar a renda familiar.

Se por um lado o turista, simplesmente, usufrui a paisagem, por outro, ainda que involuntariamente, ele acaba se transformando num elemento capaz de introduzir mudanças variadas na própria ocupação do espaço, em virtude de estar integrado numa atividade que, para ser atendida, exige a presença de um número cada vez maior de pessoas como, por exemplo, uma população local responsável pela organização de uma infra-estrutura receptiva que, de acordo com o seu significado e importância poderá concorrer para alterar a própria fisionomia das paisagens, natural e cultural.

No Brasil, o turismo praticado em áreas desprovidas da infra-estrutura adequada tem contribuído para uma ocupação desordenada do espaço,

---

(7) CAVACO, Carminda — "Geografia e Turismo no Algarve", em *Finisterra IV*, n.º 8, pp. 216-272. Lisboa, 1969.

trazendo conseqüências maléficas para residentes e turistas. Especialmente no litoral, inúmeras são as localidades que, em virtude da acentuada procura tiveram suas praias poluídas, uma vez que não contavam com saneamento básico à altura da demanda. De um modo geral, são pequenos centros despreparados para o turismo que de repente se vêem envolvidos por uma população flutuante, em número superior a sua capacidade de recepção, causando desespero aos moradores que, entre outros fatos, assistem, impotentes, à elevação dos preços, especialmente no setor alimentar, em razão da demanda superar a oferta. Entre os problemas decorrentes da prática espontânea do turismo, isto é, de um turismo praticado sem planejamento, incluem-se os engarrafamentos nas estradas, a poluição de represas, praias e logradouros públicos, a elevação de preços, falhas no abastecimento de água, luz e gêneros alimentícios.

Por outro lado, a vida calma e pacata, que muitas vezes responde pela escolha de uma determinada localidade pelo turista, não raro se vê comprometida pela chegada de forasteiros, em número cada vez maior, atraídos pela propaganda de assíduos freqüentadores que depois, paradoxalmente, acabam procurando sua tranqüilidade em outros lugares.

Tais considerações mostram que o tratamento geográfico dispensado ao turismo deve levar em conta alguns pontos básicos, entre os quais destaca-se o conhecimento dos recursos destinados ao turismo, ou o inventário da potencialidade turística, tendo em vista o planejamento para a organização do espaço. Outro aspecto importante deve ser a localização, causas e conseqüências do fenômeno turístico, sempre considerando os fundamentos geográficos locais para melhor avaliar o papel do turismo como fator atuante na transformação das paisagens por ele afetadas.

O Brasil, graças a sua extensão territorial, é dotado de uma grande variedade de quadros regionais, diferenciados quanto aos aspectos físicos e culturais, onde os personagens — tipo e a diversidade de paisagens ocupam posição de relevo; assim, também, a marcante tropicalidade reinante na maior parte do território brasileiro permite o desenvolvimento da atividade turística durante o ano inteiro, pois nele observa-se que o turismo interno está muito mais relacionado ao tempo disponível (feriados e férias) do que aos impedimentos que poderiam ser representados, por exemplo, pelo rigor das estações do ano; e, além disso, o fato de estar rodeado por muitos países sul-americanos, pode significar para ele, a presença de uma clientela variada, distribuída pelos vários meses do ano, em virtude de não serem idênticos os fatores que atuam nos locais de emissão dos respectivos fluxos turísticos que se destinam ao Brasil (feriados civis e religiosos, férias escolares, etc.).

Assim sendo, em decorrência de vários fatores, entre os quais se destacam os já mencionados, o Brasil tem possibilidades de conquistar outros centros emissores de fluxos turísticos, em razão da proximidade, ou dos atrativos que oferece e, desta forma, atrair maior quantidade de

divisas, que podem ser obtidas graças a essa indústria invisível, capaz de se transformar numa poderosa alimentadora da correção da balança de pagamentos, tal como já vem ocorrendo em outros países.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Alceu Maynard — “Ciclo Agrícola, calendário religioso e magias ligadas às plantações”, em *Revista do Arquivo Municipal*, vol. CLIX, pp. 11-155, São Paulo, 1957.
- ARAÚJO, Alceu Maynard — “Áreas culturais e o folclore brasileiro”, em *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 40, junho, pp. 63-74, São Paulo, 1964.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. “Migrações rítmicas: movimentos de temporada e cotidianos”, em *Geografia de População*, pp. 284-323, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1971.
- CAVACO, Carminda. “Geografia e Turismo no Algarve”, em *Finisterra*, vol. IV, N.º 8, pp. 216-272, Lisboa, 1969.
- CAVACO, Carminda. “Geografia e Turismo: Exemplos, Problemas e Reflexões”, em *Finisterra* (Notas e Recensões), vol. V, n.º 10, pp. 247-282, Lisboa, 1979.
- CHARRIER, Jean-Bernard & PESSIN, Danièle. “Chronique Bourguignonne: Le tourisme dans le Morvan Nivernais”, em *Revue Géographique de l'Est*, tome XVI, n.º 3-4, juillet-décembre, pp. 203-214, Nancy, 1977.
- DERRUAU, Max. “As atividades terciárias, o comércio, o turismo”, em *Geografia Humana*, vol. 2, pp. 77-101, Editorial Presença-Livraria Martins Fontes, Lisboa, 1973.
- EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo). *Calendário Turístico*, 1979.
- HABIB, Dlala. “L'aménagement du territoire en Tunisie”, em *Revue Tunisiènne de Géographie* (Note), N.º 1, pp. 99-110, Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de Tunis, 1978.
- LAGELÉE, Guy. “Le développement du tourisme au Sénégal”, em *L'Information Géographique*, n.º 3, mai-juin, pp. 140-143, Paris, 1978.
- MENDES, Josué Camargo. *Conheça o Solo Brasileiro*, 202 pp., Editora Polígono, São Paulo, 1968.

- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. "Os espaços de lazer", em *O Clima e a organização do espaço no Estado de São Paulo: problemas e perspectivas*, pp. 42-44, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.
- PENTEADO, Antonio Rocha. "O homem brasileiro e o meio", em *Brasil — a terra e o homem*, vol. 2, pp. 3-35, Companhia Editora Nacional — Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970.
- SORRE, Maximilien. "Rythmes urbains et migrations de tourisme", em *Villes et Campagnes*, Deuxième Semaine Sociologique, organizada pelo Centre d'Études Sociologiques (CNRS), Librairie Armand Colin, Paris, 1951.
- SORRE, Maximilien. "Rythmes urbains. Migrations de tourisme", em *Les Fondements de la Géographie Humaine*, tome III, pp. 394-397, Librairie Armand Colin, Paris, 1952.